



REUTERS/EDGARO GARRIDO

Esta doença neurodegenerativa afeta cerca de 90 mil pessoas em Portugal

# Alzheimer diagnosticado com teste de 10 minutos desenvolvido no Porto

**Neuropsicologia.** Ferramenta é usada no rastreio das dificuldades cognitivas em vez de procurar falhas de memória. Em dez minutos avalia capacidades executivas dos doentes

**BRUNO ABREU**

A doença de Alzheimer está, habitualmente, associada às perdas de memória e demência dos doentes. Mas não são apenas estas duas características que permitem rastrear se uma pessoa sofre ou não desta patologia. Uma equipa da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP) trouxe para Portugal uma técnica eficaz e rápida que permite um diagnóstico com base noutros traços da doença.

Este teste neuropsicológico centra-se nas dificuldades observadas nas funções executivas, um conjunto de capacidades cognitivas que são essenciais para o funcionamento normal no dia-a-dia. Estas envolvem aspetos como o planeamento de ações, a resolução de problemas, a atenção ou a realização de tarefas novas e desafiantes.

“Entre estas podemos encontrar, por exemplo, a capacidade de seguir planos de medicação, de gestão de dinheiro ou até a ca-

pacidade de verbalizar comportamentos na altura correta”, explicou ao DN Helena Moreira, psicóloga e investigadora da FPCEUP, que juntamente com César Lima e Selene Vicente adaptou à realidade portuguesa este teste criado por cientistas argentinos.

O teste neuropsicológico foi criado em 2009 no Institute of Cognitive Neurology (INECO) e recebeu o nome de Frontal Screening (IFS). Consiste numa avaliação simples e rápida (cerca de dez minutos), que verifica diferentes componentes das funções executivas. A versão original deu provas de permitir identificar de forma eficiente a presença de demência – e os seus tipos.

O teste já foi feito em Portugal e publicado no mais recente número do *Journal of Alzheimer's Disease*. O processo de adaptação e validação do IFS foi realizado com recurso a uma amostra de 204 pessoas saudáveis, que permitiu estabelecer níveis normativos de desempenho para pessoas de diferentes idades e níveis de escolaridade, e a um grupo de 21 doentes previamente dia-

gnosticados com doença de Alzheimer em fase inicial, seguidos no Serviço de Neurologia do Centro Hospitalar de Entre o Douro e Vouga. “Havia uma grande carência em Portugal de testes que permitissem uma análise mais rápida do Alzheimer. Esta é mais uma ferramenta que poderá ser usada tanto pelos clínicos como em investigação”, adiantou Helena Moreira.

O IFS português mostrou-se capaz de diferenciar com precisão indivíduos saudáveis de pacientes com doença de Alzheimer em fases iniciais. O grupo de doentes obteve um desempenho significativamente inferior ao dos saudáveis, mesmo depois de controlados aspetos como idade, níveis de escolaridade, dificuldades cognitivas globais e depressão. “Este é apenas um meio complementar de análise para a doença de Alzheimer. Só intervimos na avaliação cognitiva”, acrescenta a psicóloga. A doença de Alzheimer é uma doença neurodegenerativa que atinge cerca de 90 mil pessoas em Portugal. Não há ainda prevenção ou cura para a doença.